

VIOLÊNCIA

Pai atacou docente depois de saber que a filha foi advertida por usar celular em sala de aula. Secretaria de Educação repudiou o ato e destacou que a pasta mantém iniciativas voltadas à promoção da cultura de paz por meio de assessoria específica

Professor é agredido em escola no Guará

» CARLOS SILVA

Uso de celular em sala de aula teria sido uma das causas de um episódio de violência em uma escola pública no Guará. Após repreender uma aluna que utilizava o aparelho de forma indevida, um professor da unidade de ensino foi agredido pelo pai dela, que havia ido ao colégio tirar satisfações. Imagens mostram o momento em que o educador recebe chutes e socos por parte do agressor, que precisou ser contido pela própria filha, com a ajuda de funcionários e colegas da instituição. A secretária de Educação, Hélvia Paranaguá, repudiou o ocorrido. “Não se pode partir para a violência em nenhum ambiente. Muito menos no ambiente escolar, que é um espaço de paz, tranquilidade, aprendizado e socialização”, destacou.

Tudo começou por volta das 9h dessa segunda-feira, de acordo com o boletim de ocorrência. Ao ser advertida pelo professor, a aluna, insatisfeita, teria entrado em contato, por mensagem, com o pai, Thiago Lênin Sousa Silva Batista, alegando ter sido xingada pelo educador. Então, Thiago Lênin dirigiu-se à escola para saber o que aconteceu.

Ele foi informado de que “as devidas providências seriam tomadas” pela direção. No entanto, quando ia embora, ele avistou o docente e partiu para a agressão. O professor disse que foi golpeado com chutes e socos no rosto, além de ter os óculos quebrados. O educador enfatizou que não revidou em nenhum momento.

A situação só parou quando a própria aluna interveio e segurou o pai. Uma equipe do Batalhão Escolar (BPESC) foi acionada e encontrou a situação controlada, mas conduziu os envolvidos à 1ª Delegacia de Polícia (1ª DP).

Versões

Na delegacia, o professor associou a violência ao fato de ter chamado a atenção da aluna pelo uso do celular. O autor das agressões, Thiago Lênin, sustentou que agiu movido pela defesa da filha. Ele afirmou à polícia que a jovem o contactou informando que estava sendo xingada pelo professor. Ao chegar à escola, uma amiga da filha teria identificado o docente.

Thiago Lênin admitiu que “partiu para cima do professor”. Porém, negou ter proferido xingamentos ou ameaças. O pai tentou justificar a ação alegando, por intermédio da mesma amiga da filha, que o professor “costuma xingar os alunos”. O caso foi registrado sob os crimes de lesão corporal, injúria e desacato. O pai pagou fiança e foi liberado.

O professor manifestou interesse em representar judicialmente contra Thiago Lênin. Ao **Correio**, a vítima disse estar profundamente abalada. “Jamais imaginaria que algo dessa gravidade aconteceria comigo ou com qualquer outro colega”, afirmou. O docente contou que não pretende retornar à escola nos próximos dias. “É uma escola na qual eu gosto de trabalhar, falta pouco para me aposentar, e espero que essa pessoa seja punida pelos seus atos”, concluiu.



Cedido ao Correio



As agressões só pararam quando a aluna interveio e segurou o pai para evitar mais ataques dentro da unidade de ensino

Repúdio

A secretária de Educação, Hélvia Paranaguá, afirmou que a pasta tem intensificado ações de enfrentamento à violência nas unidades de ensino. Segundo Hélvia, a pasta mantém iniciativas voltadas à promoção da cultura de paz por meio da Assessoria de Cultura de Paz, setor responsável por desenvolver projetos específicos em cada escola e disseminar o Caderno de Boas Práticas — material que orienta gestores e professores sobre a construção de ambientes mais seguros e acolhedores.

Hélvia citou estudo em andamento sobre a instalação de detectores de metais nas entradas das escolas, em parceria com a Secretaria de Segurança Pública (SSP-DF). A medida, segundo ela, tem o objetivo de reforçar a segurança sem comprometer o fluxo de entrada e saída dos estudantes. Outro ponto abordado por Paranaguá foi o debate na Câmara Legislativa sobre o uso de câmeras em salas de aula, tema que divide opiniões entre professores e sindicatos. “O importante é ouvir o professor. É ele quem está na sala de aula e sabe o que vive ali dentro”, destacou. Em nota oficial, a secretaria informou que a Coordenação Regional de Ensino do Guará está acompanhando o caso com a gestora da escola.

Tensão

A psicóloga, educadora, especialista em gestão de pessoas e diretora operacional da MiniMe Educação Infantil, Diana Quintella, avalia que o aumento de episódios de violência nas escolas do Distrito Federal é um reflexo direto das tensões vividas pela sociedade. “A violência nas escolas não ocorre de forma isolada. Ela é reflexo de uma sociedade que vive sob fortes tensões sociais, emocionais e econômicas”, afirmou.

Diana destacou que a falta de diálogo entre famílias e escolas é um dos principais gatilhos para situações extremas, como a agressão registrada no Guará. “Quando a relação entre escola e famílias se baseia apenas em momentos de conflito, sem construção de confiança ao longo do tempo, qualquer desentendimento vira gatilho para reações desproporcionais”, analisou.

De acordo com ela, a ausência da chamada aliança educativa — a percepção de que professor e família estão do mesmo lado — contribui para o aumento das tensões no ambiente escolar. “Sem essa base de respeito, algumas pessoas interpretam a orientação pedagógica como ofensa pessoal. O diálogo contínuo, antes, durante e depois dos conflitos, é o que impede que situações cotidianas terminem em violência”, ressaltou.

O Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF) enfatizou que o episódio reflete um cenário de crescente violência contra profissionais da educação. Em nota, a entidade destacou que o episódio causa consternação e deve servir como ponto de reflexão sobre as causas da hostilidade direcionada a professores e professoras, agravada nos últimos anos pelo enfraquecimento do respeito à categoria e pela disseminação de discursos de intolerância.

ARTIGO

» JOSÉIVALDO DE LUCENA, mestre em educação e especialista em direitos humanos na Universidade Católica de Brasília

Da sala de aula ao cenário de conflito

O recente episódio de agressão a um professor no Guará revela uma realidade preocupante: a escalada da violência nas escolas, especialmente contra os profissionais da educação. Embora pareçam casos isolados, esses episódios expõem falhas

estruturais na proteção dos servidores e exigem respostas urgentes.

Além dos desafios pedagógicos, os professores enfrentam riscos físicos, emocionais e psicológicos. A escola, que deveria ser um espaço de aprendizado e acolhimento, tem se tornado, em muitos contextos, um ambiente hostil e inseguro. A ausência de protocolos eficazes de segurança, a carência de equipes multidisciplinares e o déficit de formação para lidar com conflitos

tornam o cotidiano escolar vulnerável.

Esse cenário contribui para o aumento dos casos de adoecimento mental entre docentes, provocado por comportamentos inadequados de estudantes, exposição à violência e pela ausência de reconhecimento social quanto à relevância e à complexidade da profissão docente. Nesse contexto, contribuir para o desenvolvimento das competências socioemocionais dos docentes da educação básica

é fundamental para a promoção de uma educação que tenha como fundamento o cuidado e a empatia, permitindo que os educadores não apenas sejam mediadores de conhecimentos, como também cultivem ambientes de aprendizagens seguros e acolhedores.

Além disso, investir em políticas públicas que garantam segurança, apoio emocional e valorização profissional é urgente. A presença de psicólogos, assistentes

sociais e programas de mediação de conflitos e cultura de paz pode transformar a escola em um ambiente mais seguro e saudável. Campanhas de conscientização e fortalecimento da parceria entre famílias, estudantes, gestores e comunidade em geral também são fundamentais.

A violência contra professores não pode ser normalizada nem ignorada. Proteger quem educa é proteger o futuro da sociedade.